

REPRODUÇÃO DO CAPITAL, TRANSIÇÃO SOCIAL E EMANCIPAÇÃO HUMANA

João Claudino Tavares

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

REPRODUÇÃO DO CAPITAL, TRANSIÇÃO SOCIAL E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Resumo: Analisa-se o movimento de produção e reprodução do capital. Procura-se identificar aí elementos da transição para o processo de emancipação humana. Toma-se como pressuposto que a base material da produção da riqueza, explicitada no pleno desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social, é a expressão e fundamento da transição, para além da vontade dos homens. Conclui-se que a completude da transição, isto é, a efetivação do *reino da liberdade*, decorrerá da impossibilidade dos homens se reproduzirem pelas mediações burguesas e do pleno engendramento de novas relações sociais e humanas.

Palavras-chave: Capital, transição social, emancipação humana.

CAPITAL REPRODUCTION, SOCIAL TRANSITION AND HUMAN EMANCIPATION

Abstract: This paper analyzes the movement of the production and the reproduction of capital. The strength here is to identify the transition elements in the process of human emancipation. It is taken as an assumption that the material basis of production of wealth, explained in the full development of the productive forces of social work is the foundation and the expression of this transition, beyond men's willpower. It follows that the complete transition, that is, the realization of the realm of freedom is apparent from the inability of males to reproduce the bourgeois mediation and the full engendering new social and human relations.

Key words: Capital, social transition, human emancipation.

Recebido em: 29.09.2009. Aprovado em: 29.10.2009

1 INTRODUÇÃO

Porém o único caminho real pelo qual um modo de produção e sua correspondente organização avança até sua dissolução e sua transformação é o desenvolvimento histórico de seus antagonismos imanentes. Aqui está o segredo do movimento histórico que os doutrinários, os otimistas e os socialistas não querem compreender.
Karl Marx (O Capital)

Desde a sua consolidação, o capitalismo tem desenvolvido sua reprodução empreendendo o processo de concentração e centralização da riqueza social. Este tem, cada vez mais, radicalizado os conflitos entre a reprodução do capital frente aos elementos de sua degeneração e, portanto, de sua superação. As crises periódicas são os ápices desse movimento contraditório.

A base da reprodução do capital tem engendrado, como crítica material, elementos degenerativos, assim como, os da possibilidade e da necessidade de superação da existência social e humana sob a mediação do capital.

Para uns, a superação do capitalismo é uma questão dos homens; homens conscientes que tomarão o poder e transformarão a sociedade. Para Marx, entretanto, este processo transitório é produto do esgotamento das possibilidades de reprodução das mediações capital na produção da existência social e humana.

Para além da vontade dos homens organizados numa vanguarda revolucionária, o desenvolvimento pleno da base material da produção e o esgotamento do processo de reprodução da riqueza social sob a égide do capital é o fundamento da transição. A transição da qual falamos corresponde à passagem do *“reino das necessidades para o reino da liberdade”*.

No presente artigo, identificamos os elementos do processo degenerativo de reprodução do capital e da transição para a emancipação humana. Além da introdução e da conclusão, o artigo está composto por três itens onde apresentamos: os (des)caminhos da transição; determinantes materiais da transição e; elementos da transição.

2 OS (DES)CAMINHOS DA TRANSIÇÃO

Muitas foram as indagações sobre as formulações apresentadas e discutidas a respeito das perspectivas da humanidade, diante da chamada globalização da economia capitalista e do desencanto com a possibilidade de efetivação plena de uma sociedade socialista frente à crise do socialismo real, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990¹.

Na década de 1990, uma das mais impactantes afirmações foi feita por um, até então desconhecido, diretor-assistente de pessoal do planejamento do Departamento de Estado dos EUA dizendo que a humanidade teria alcançado o seu desiderato. A democracia liberal e o capitalismo tecnologicamente movido seriam os novos e últimos parâmetros da produção da existência humana (SOUZA, 1995, p. 113). Tratou-se do texto *“O fim da história e o último homem”* de Francis Fukuyama. Esta afirmação contraria frontalmente as formulações de Karl Marx, para quem o capitalismo seria a última fase da pré-história da humanidade, ou seja, que o capitalismo corresponderia à encruzilhada entre a pré-história e a efetivação da história da humanidade, a passagem para a produção de homens humanizados, a transição da emancipação social (da classe proprietária dos meios de produção) para a emancipação humana.

Neste sentido, para Marx, o estudo do modo de produção capitalista tinha por objetivo apreender sobre os elementos da decomposição das relações sociais burguesas e perceber como estavam sendo engendrados elementos de uma sociedade do vir a ser, isto é, como espaço transitório.

Frente a isto se coloca uma indagação: como se efetiva a transição? As reflexões e as ações políticas já realizadas nos fornecem algumas pistas, todas elas passíveis de críticas frente ao que a história factual nos possibilita ver. Podemos comparar os caminhos propostos e/ou percorridos em mais de um século de luta entre o velho (as relações sociais burguesas se reproduzindo degenerativamente) e o novo (os germes de uma nova sociedade, da sociedade comunista) com o que a materialidade do nosso tempo demonstra.

Para além das teorizações, das propostas dos programas de transição e dos experimentos materializados em Revoluções na Rússia, na China, em Cuba, etc., a superação do capitalismo será uma determinação do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social e de seu esgotamento, enquanto meio de sustentação das relações sociais burguesas. A superação decorre de sua incompatibilidade com a efetivação da produção da existência social e humana.

Do ponto de vista da Geografia, caberia a pergunta: qual o lugar da Revolução? Uma determinada leitura da obra de Marx pode levar à afirmação de que a ruptura aconteceria nos lugares onde o capitalismo se apresentasse no seu grau mais desenvolvido. No seu tempo, Marx apontou a transformação partindo da Inglaterra, que era onde o capitalismo se apresentava mais desenvolvido até o terceiro quartel do século XIX². Posteriormente Marx e Engels apontaram os Estados Unidos da América do Norte como o lugar de uma provável superação do capitalismo.

Conforme Aued (1995, p. 290):

É por demais conhecido que, teoricamente, o território da transição do capitalismo ao socialismo, na

perspectiva marxista, é o globo terrestre. Na medida em que o modo de produção capitalista é uma sociedade mundial, sua superação só pode se dar, por pressuposição, também, numa escala mundial. No entanto, desde as formulações de Marx até os primeiros anos do século XX, tem-se como certo que a revolução socialista se inicia em território europeu, principalmente na Europa Ocidental e, particularmente, nos espaços onde as forças produtivas e as relações sociais de produção burguesas estão mais desenvolvidas, isto é, na Alemanha, na Inglaterra e na França, o berço da civilização moderna.

No início do século XX, Lênin e seus companheiros mostraram ser possível a realização de uma revolução para a implantação do socialismo a partir do “elo mais fraco”. Nesta perspectiva aconteceu a Revolução de 1917 na Rússia e outras que a sucederam.

As experiências socialistas do século XX possibilitam uma crítica material da limitação de um processo transitório sem a apropriação das forças produtivas do trabalho social desenvolvidas, contraditoriamente, sob as mediações do capital (AUED, 1995).

Depois da crise e derrocada das experiências do chamado socialismo real, várias questões foram colocadas: O que não deu certo? Por que não deu certo? O que tinha de errado em tais experimentos? Muitos movimentos que tomavam as experiências como referência para a luta política, ficaram, de certa forma, órfãos. O que fazer?

Duas importantes considerações podem-se depreender dos experimentos empreendidos pelos movimentos sociais, particularmente no século XX. Uma delas é a de que o movimento operário/sindical não dá conta da efetivação da superação do capitalismo. Aliás, em muitos aspectos o movimento operário/sindical tem se mostrado conservador e até mesmo reacionário. Como alertou Marx (1982, p. 185):

Os sindicatos trabalham bem como centro de resistência contra as usurpações do capital. Falham em alguns casos por usar pouco inteligentemente a sua força. Mas são deficientes, de modo geral, por se limitarem a uma luta de guerrilhas contra os efeitos do sistema existente, em lugar de, ao mesmo tempo, se esforçarem para mudá-lo, em lugar de empregarem suas forças organizadas como alavanca para a emancipação final da classe operária, isto é, para a abolição definitiva do sistema do trabalho assalariado .

Outra consideração é a de que não existe um lugar onde a síntese das contradições da sociedade burguesa se apresente de forma acabada. Num retorno aos trabalhos de Marx e de Engels percebemos, em primeiro lugar, que não existe um lugar que apresente simultaneamente todos os elementos da reprodução da existência das relações sociais burguesas. A superação das mediações do capital decorre da universalização de suas contradições. A este respeito, Marx e Engels chamaram a atenção sobre a universalidade da sociedade burguesa como economia na Inglaterra, como luta política na França e como filosofia na Alemanha.

Os elementos da produção, da reprodução e da superação das relações burguesas se manifestam como universalidade e como singularidades paradoxais em todos os lugares, seja como efetividade ou como potencialidade. Não parece ser por outro motivo que Marx e Engels encerraram o Manifesto Comunista com a célebre frase: “*Proletários de todos os países, uni-vos!*”.

Vale ainda lembrar, aqui, o que haviam dito Marx e Engels em relação aos elementos do processo transitório do capitalismo para uma sociedade do vir a ser. Sobre isto disseram:

Logo, e de acordo com a nossa concepção, todos os conflitos da história têm a sua origem na contradição entre as forças produtivas e o modo de trocas. Não é, aliás, necessário que esta contradição seja levada a um extremo num determinado país para aí provocar conflitos. A concorrência com países cuja indústria se encontra mais desenvolvida, concorrência provocada pela extensão do comércio internacional, basta para dar origem a uma contradição deste tipo, mesmo nos países onde a indústria está menos desenvolvida (por exemplo, o aparecimento de um proletariado latente na Alemanha provocado pela concorrência da indústria inglesa) (MARX; ENGELS, 1974, V-I, p. 76).

Assim, com a universalização da reprodução do capital através da universalização da forças produtivas do trabalho social, os elementos da superação da sociedade burguesa tornam-se latentes.

3 DETERMINANTES MATERIAIS DA TRANSIÇÃO³

Uma observação inicial, aparentemente óbvia, mas não muito convencional, mesmo para muitos marxistas, é a de que a produção da vida, sob a mediação do capital, apresentou-se na sua forma

madura desde o segundo quartel do século XIX. A partir de 1825 - pelas formulações de Karl Marx (In: MARX e ENGELS, 1987, p. 16⁴; MARX, 1983, p. 17; MARX, snt) e de Friedrich Engels (1986, p. 66), apropriadas e aprofundadas por Idaeto Malvezzi Aued (AUED, 1995; 2002a; 2002b) - explicitaram-se plenamente os vetores da produção na sociedade burguesa, da produção da sociedade burguesa e da produção de elementos da superação das relações sociais burguesas.

A partir de então, a produção da vida sob a mediação do capital possibilita a superação de sua compreensão como fruto desconhecido ou em processo de conhecimento, pela descrição, pela comparação, como “fruto ideal”, “venerado” (AUED, 2002a, p. 44-45), como crítica positiva (Economia Política) ou como crítica negativa (Socialistas Utópicos) (ENGELS, 1971, p. 187). Agora, as relações sociais burguesas podem ser apreendidas integralmente pelo processo de reprodução de seus elementos materiais constitutivos⁵.

A grande indústria moderna⁶ tornou-se a expressão material da produção da mais-valia, de homens burgueses e, de suas entranhas, passou a liberar elementos da possibilidade de superação da produção da existência humana sob a mediação do capital.

Conforme Aued (2005a, p. 15-16), com a grande indústria moderna, completou-se a alienação dos homens como formas universais e singulares do ser social. Paradoxalmente, os homens que vivem a necessidade de trabalhar para viver, foram se tornando libertos da necessidade de trabalharem para produzir a existência. Paradoxalmente, porque enquanto persistir a mediação do capital, esta liberdade para a classe trabalhadora é um tormento. Pois, ser desnecessário à reprodução das relações sociais burguesas é o mesmo que ter ameaçada a possibilidade de efetivar o primeiro fato histórico, isto é, a produção da vivência.

A ciência, como força produtiva do trabalho social, materializada na sua aplicação tecnológica, no dizer de Marx, cada vez mais, passou a explicitar a prescindibilidade do trabalho humano na produção imediata da riqueza social. O trabalho presente tornou-se cada vez menos proporcional ao trabalho pretérito, materializado em meios de produção que produz e comanda outros meios de produção. É o que Marx explicitou como o crescimento da composição orgânica do capital.

Nas palavras de Marx e Engels (1987, p. 15):

É supérfluo acrescentar que os homens não são livres para *escolher suas forças produtivas* – que são a base de toda sua história – porque toda força produtiva é uma força adquirida de uma atividade anterior. Assim, as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas esta própria energia

está determinada pelas condições em que se encontram os homens, pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social preexistente, que eles não criaram e que é o produto da geração anterior. O simples fato de cada geração posterior encontrar as forças produtivas adquiridas pela geração precedente, utilizando-as como matéria-prima para a nova produção, cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade, que é tanto mais história da humanidade quanto mais desenvolvidas estiverem as forças produtivas dos homens e, por conseqüência, as suas relações sociais. Conseqüência necessária: a história social dos homens nada mais é do que a história de seu desenvolvimento individual tenham eles ou não consciência disto. Suas relações materiais estão na base de todas as suas outras relações. Estas relações são apenas as formas necessárias nas quais se realiza sua atividade material e individual.

Para Aued (2005b, p. 44), repetindo Marx, o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social é uma condição necessária para a superação do capitalismo, ou seja, para a efetivação de uma sociedade comunista.

Com a grande indústria moderna explicitou-se a possibilidade de emancipação humana e a percepção segundo a qual ela efetiva-se não no trabalho, mas pelo trabalho⁷. O trabalho, historicamente materializado em meios de produção, ainda que sob a mediação do capital como relação social, engendrou três movimentos. Pelas formulações de Aued, são os seguintes movimentos, a saber: 1) no período manufatureiro engendrou-se o processo de “libertar o trabalhador do trabalho” (AUED, 2004, p. 2); 2) na grande indústria moderna explicitou-se o processo de “como o homem se liberta do trabalho” (AUED, 2005a) e; 3) no espaço transitório, explicitam-se os elementos materiais de “*como o homem supera sua desumanização e faz-se homem plenamente humanizado*” (AUED, 2005b).

Assim sendo, uma virtuosidade da produção da vida sob a mediação do capital é a de ter explicitado, contraditoriamente, as condições de humanização dos homens (AUED, 2005b, p. 48), indicando a maneira de como resolver os problemas do mundo das necessidades e colocando a possibilidade de engendramento do “reino da liberdade”, do processo de emancipação humana.

Para Aued (2005b, p. 48) “o homem criou as condições de sua emancipação humana ao romper com as condições orgânicas do seu ser”. As forças produtivas do trabalho social são quem materializam estas condições na medida em que elas permitem a emancipação dos homens da sua condição de trabalhador, como ato consciente, ato teleológico,

na criação das condições de produção de homens plenamente desenvolvidos como processo de “apropriação efetiva da consciência humana pelo e para o homem” (MARX, 2004, p. 102).

O modo de produção capitalista engendrou um processo revolucionário historicamente determinado na reprodução material da vida envolvendo o desenvolvimento das forças produtivas, da divisão do trabalho e do intercâmbio (interno e externo) seja no seio de uma nação ou no processo de universalização destas relações (MARX; ENGELS, 1987, p. 28). Estas três dinâmicas estreitamente imbricadas configuraram o amadurecimento da grande indústria como o mais elevado grau de desenvolvimento da produção da riqueza social numa sociedade dividida em classes sociais antagônicas.

A grande indústria moderna passou a ser a síntese da universalização do ser social, produto da cooperação como processo de autocriação humana.

A cooperação e a divisão do trabalho se constituíram, enquanto elementos da produção dos homens como ser social, sob a mediação do capital, objetivando-se em trabalho social. Nas palavras de Vazquez (1978, p. 60-61):

A objetivação serviu ao homem para elevar-se do natural ao humano: a alienação faz com que o homem percorra esta mesma direção em sentido inverso, e nisto consiste precisamente a degradação do homem. No marco das relações econômico-social que têm como fundamento a propriedade privada capitalista, o homem não mais se reconhece nos produtos de seu trabalho, em sua atividade, nem em si mesmo.

Temos aqui a alienação como mediação das relações sociais e, ao mesmo tempo, como o caminho da desalienação. No dizer de Marx (2001, p.135) “A eliminação da auto-alienação segue o mesmo caminho que a auto-alienação”⁸.

O intercâmbio efetivou a formação do mercado mundial, a universalização da utilização das forças produtivas, da circulação de mercadorias, de novas necessidades sociais e da divisão do trabalho⁹. As contradições do capital alcançaram uma escala mundial.

4 ELEMENTOS DO PROCESSO TRANSITÓRIO

Por todos os ângulos que olhemos ou, por todas as mediações possíveis, veremos que à transitoriedade do capitalismo para uma forma superior, a humanidade impescinde do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social no nível mais desenvolvido em que elas se encontram.

Neste sentido, dois aspectos vêm à tona. O primeiro é que, uma vez universalizada a produção da existência social sob a forma burguesa, os homens não mais retrocedem historicamente, isto é, não voltam a produzir suas existências por formas já superadas.

Até submetem-se a formas menos desenvolvidas, mas só temporariamente e em nome de um futuro melhor. Esta promessa até agrega em torno de certas mobilizações cuja efetividade será sempre temporária. As experimentações históricas do século XX apresentou-nos importantes ilustrações. O primeiro deles foi a conclamação da união de todos para, por meio do trabalho das mãos, construir uma sociedade socialista no imediato pós tomada do poder na Rússia. A construção de uma Rússia socialista, na convocação de Lênin, dar-se-ia por meio do trabalho voluntário, da cooperação nos chamados sábados comunistas para a reconstrução das ferrovias. O apelo e o exemplo do trabalho voluntário em Cuba Socialista também nos coloca importantes reflexões. No Brasil, só para ficarmos numa provocação particular, temos os momentos dos acampamentos e as realidades de muitos dos assentamentos do MST. No primeiro caso a luta é eminentemente coletiva e os abrigos de lona se justificam. No segundo caso, nos acampamentos, impõe-se a necessidade de moradias dignas como as existentes na cidade e todos os meios que a sociedade produziu por meio da materialização da ciência em meios técnico-científico-informacionais (SANTOS, 2002). Se pensarmos nas forças produtivas do trabalho social no capitalismo, temos as dificuldades de retorno ao campo, quando não conseguimos manter o padrão que encontramos nas cidades a exemplo da iluminação elétrica, geladeiras, máquinas de lavar, televisão, telefonia celular e outros inúmeros exemplos práticos. Em relação ao processo de trabalho, apresenta-se a crítica da dificuldade de retorno à cooperação simples ou mesmo à manufatura quando a grande indústria se impõe como universalidade da reprodução social dos homens.

O segundo, complementando o primeiro aspecto, é que as promessas de um futuro melhor só se efetivam com a apropriação de forças produtivas que apontem para solucionar problemas de sobrevivência, isto é, para a produção da vida, onde cada vez mais seja superada a condição de “bestas de carga”, da mediocridade do lugar e a idiotice dos ofícios. O trabalho coletivo, prerrogativa do ser social impede o retorno a formas pretéritas de produção da existência social e humana.

Sobre a transitoriedade, podemos dizer que enquanto a sociedade não se decompusse completamente, os experimentos de sua superação serão parciais e provisórios, isto é, terão efetividade determinada no tempo e no espaço. Assim tem sido desde a Comuna de Paris. Entretanto, mesmo sendo provisórios, todos os experimentos têm demonstrado que a sociedade burguesa não é o fim da história.

Mostrar a necessidade de superação do capitalismo pelo seu caráter negativo, apontando suas contradições e, sobretudo, a miséria crescente, tem sido a formulação mais comum. Aqui se encontram as limitações de muitas formulações teóricas e indicativas sobre a transição.

A transitoriedade não decorre do caráter negativo das relações sociais burguesas, mas, ao contrário, das positivities engendradas na universalidade do ser social e do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social como potência do processo de emancipação humana, para além da vontade dos homens, de seus sonhos, de suas utopias, dos mitos, da religião, etc.

A superação do capitalismo não se faz pela destruição das forças produtivas do trabalho social nele engendradas e pelo retorno dos homens ao trabalho, mas pela apropriação e uso comum do que é resultado de toda a construção histórica dos elementos para a emancipação humana. Pois, como disse Engels, ao referir-se ao campo:

[...] todas as vantagens da grande exploração e à utilização de máquinas agrícolas, mas também lhe ofereça os meios de praticar, fora da agricultura, a grande indústria; com o aporte da energia a vapor ou da energia hidráulica, e isto não a serviço dos capitalistas, mas a serviço da comunidade (ENGELS, 2003, p. 163).

Tomando a dialética materialista como método de apreensão da realidade, o limite da evidência da transição explicita-se na formulação de Aued quando se contrapõe a Michael Hardt e Antônio Negri, autores de "O Império", e afirma que:

Embora os elementos germinais de uma nova sociedade sejam engendrados nas entranhas da velha sociedade, não podemos admitir que a nova sociedade já exista na velha sociedade. Ela é uma potencialidade, mas não uma realidade (AUED, 2005b, p. 47).

Pois, "[...] o novo só pode emergir a partir do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social, sem esse nexo, a escassez e a miséria impediriam sua constituição" (GRADE, 2006, p. 351).

Segundo Aued (1995, p. 314):

[...] O dilema pode ser resumido assim: a meta é socializar, mas para isto é preciso existir o que socializar. Na solução deste dilema, a produção da riqueza material, o mundo socialista pressupõe a base produtiva da sociedade burguesa [...].

Sabe-se que a produção de homens emancipados e humanizados, só será possível mediante a apropriação e operação da potência (para o bem comum, da comunidade, comunista) das forças produtivas do trabalho social. Isto se coloca como possibilidade latente. Esta possibilidade colocar-se-á como efetividade quando, como observou Aued (2005b, p. 39):

[...] a força produtiva do trabalho social tenha alcançado um grau de desenvolvimento tal que não mais pode ser operada individualmente ou localmente, que se manifeste como universalidade histórica, em que todos os homens estejam em contato uns com os outros e a que a vida de cada um passe a ser questão de todos e que a vida de todos dependa da práxis de cada um.

Sem acesso à potência das forças produtivas do trabalho social a luta por transformação social é importante para minimizar o tormento humano¹⁰.

A degeneração é o que é mais visível. Mas, em meio à degeneração, ao regurgitamento, os homens procuram desenvolver formas de organização para a produção da existência, ainda que sob a mediação degenerativa do capital. Não vislumbrando formas novas, para além das mediações do capital, recorre-se a formas pretéritas (camponeses, agricultura familiar, artesanato, escravização, servidão), a formas atuais degenerativas (prostituição, narcotráfico, etc) ou busca-se formas humanas a partir do que se coloca como último grau de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social (do fazer humano como materialização da ciência em técnica).

5 CONCLUSÃO

Num tempo de dificuldades de reprodução pelas relações trabalho – salário, capital – lucro, terra – renda fundiária - são muitos os exemplos de recorrência para a continuidade de apropriação de riqueza sem passar pelo processo produtivo. A miséria de muitos se torna o negócio de poucos. Várias formas de organizações sociais passam a se constituir em canais para muitos oportunistas¹¹.

Os movimentos sociais expõem, especialmente no final do século XX, as fissuras da reprodução social burguesa, mas não apresentam meios de sua superação. A base material apresenta a crítica, mas os meios de engendrar o novo ainda não se manifestam na forma acabada do novo ser social; homens humanizados, produzindo homens humanizados, emancipados. Isto não invalida as lutas. Tenha-se consciência ou não, o que está sendo engendrado é a possibilidade da produção de homens humanizados. Estamos numa encruzilhada posta para a humanidade. Como não deve ser, a história nos mostra, mas, por outro lado,

como deve ser ou como será, pouco podemos dizer. A exemplo do que tinham os socialistas utópicos, os economistas políticos e os filósofos do final do século XVIII e do início do século XIX, não temos a maturidade dos elementos da nova sociedade. Como eles, vivemos num tempo de transição. Falta-nos a reprodução da semente do novo para o seu desvelar completo.

Tendo a transitoriedade como aspecto fundante, é importante lembrar o que disseram Marx e Engels (1974, v. I, p. 28):

[...] não é possível levar a cabo uma libertação real sem ser no mundo real e através de meios reais; que não é possível abolir a escravatura sem a máquina a vapor e a *mule-jenny*, nem a servidão sem aperfeiçoar a agricultura; que, mais genericamente, não é possível libertar os homens enquanto eles não estiverem completamente aptos a fornecerem-se de comida e bebida, a satisfazerem as necessidades de alojamento e vestuário em qualidade e quantidade perfeitas.

Neste sentido, a transitoriedade apresenta-se em seus elementos constitutivos, mas a nova sociedade ainda não se faz possível como expressão da impossibilidade de reprodução das relações sociais atualmente postas.

REFERÊNCIAS

AUED, Idaletto Malvezzi. **Estratégias e contradições na construção da sociedade Socialista Soviética: socialismo de menos, capitalismo de mais** (1917 – 1929). São Paulo: FFLCA/USP, 1995. Tese (Doutorado em Geografia Humana).

_____. Dois dedos de prosa sobre O Capital. In: **Revista Geosul**, v. 17, n. 34. Florianópolis: EdUFSC, jul.-dez./2002a, p. 39-62.

_____. **Marxismo e Geografia**. In: ALBA, Rosa Salete; OTSUSCHI, Cristina; ZIBORDI, Antônio Francisco Guerreiro (orgs.). **O ensino de Geografia no novo milênio** (Ciclo de estudos de Geografia). Chapecó/SC: Argos, 2002b. p. 13-58.

_____. **Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx** ou de como libertar o trabalhador do trabalho. Araraquara/SP: mimeo, dez./2004 (Trabalho apresentado como seminário no GT: “Trabalho e pensamento social no século XXI”, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP).

_____. **Alienação, maquinaria e indústria moderna em Karl Marx** ou de como o homem se liberta do trabalho. Araraquara/SP: mimeo, abr./2005a (Trabalho apresentado como seminário no GT: “Trabalho e pensamento social no século XXI”, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP).

_____. **Transcendência (*aufhebung*), alienação, manufatura e maquinaria em Karl Marx** ou de como o homem supera sua desumanização e faz-se homem plenamente desenvolvido. Araraquara/SP: mimeo, jun./2005b (Trabalho apresentado como seminário no GT: “Trabalho e pensamento social no século XXI”, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP).

BASBAUM, Leôncio. **Alienação e humanismo**, 5 ed. Rio de Janeiro: Global, 1982.

ENGELS, Frederico. **Anti-Dühring**: ou a subversão da ciência pelo Sr. Eugênio Dühring. Lisboa: Edições Afrodite, 1971 (Ensaio/Documentos – 1).

_____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**, 8 ed. São Paulo: Global, 1986a (Col. Bases 13 – Teoria).

_____. A marca. In: **Revista Crítica Marxista**, n. 17. Campinas/SP: Revan, 2003. p. 147-163.

FAUSTO, Ruy. A “pós-grande indústria” nos grundrisse (e para além deles). In: **Revista Lua Nova**, n. 19. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, nov./1989. p. 47-67.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. In: FUKUYAMA, Francis (et. al.). **A experiência do século**. Porto Alegre: SMCultura / Palmarinca, 1992. p.9-17.

GRADE, Marlene. **Fórum do Maciço do Morro da Cruz e Agreco como espaço transitório: germinando a espacialização de relações solidárias em Santa Catarina**. Florianópolis: mimeo, 2006. Tese (Doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina)

MARX, Karl. **Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. São Paulo: Global, [s/d](1). (Col. Bases 12 – Teoria).

_____. **Capítulo VI inédito de O CAPITAL: resultados do processo de produção imediato**. São Paulo: Moraes, [s/d](2).

_____. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes**: a economia vulgar São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Col. Os Economistas).

_____. **O capital:** crítica da economia política, L-I, t-1. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Economistas).

_____. **A guerra civil na França.** São Paulo: Global, 1986b (Col. Bases 50 – História).

_____. A nacionalização da terra. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas** em três tomos, v. II. Lisboa / Moscovo: Avante / Progresso, 1987. p. 313-316.

_____. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann.** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do socialismo alemão dos seus diferentes profetas, 2 Vols. Portugal: Presença / Brasil: Martins Fontes, 1974.

_____. **Manifesto do partido comunista.** Lisboa: Avante, 1975.

_____. **Cartas filosóficas e Manifesto Comunista de 1848.** São Paulo: Moraes, 1987.

MÉSZÁROS, István. **Marx:** a teoria da alienação. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo: EdUNICAMP / Boitempo, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção, São Paulo: EdUSP, 2002. (Col. Milton Santos 1).

SOUZA, Nilson Araújo de. **O colapso do neoliberalismo.** São Paulo: Global, 1995.

TAVARES, João Claudino. **Universalidade e singularidades do espaço transitório:** um estudo a partir de quebradeiras de coco babaçu/MIQCB e trabalhadores rurais sem terra/MST no Maranhão (1990 – 2000). Florianópolis, 2008. 361f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Ijuí (RS): EdUNIJUÍ, 2005.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As idéias estéticas de Marx,** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOTAS

1 Os mais importantes acontecimentos foram a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o esfacelamento da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), em 1991.

2 Numa Carta ao Dr. Kugelmann, datada de 28 de março de 1871, Marx disse: “Embora a iniciativa revolucionária venha provavelmente da França, somente a Inglaterra pode servir como alavanca para uma revolução econômica. É o único país onde não há mais camponeses e onde a propriedade da terra está concentrada em poucas mãos. É o único país onde a forma capitalista – ou seja, o trabalho associado em larga escala sob empregadores capitalistas – invadiu praticamente o conjunto da produção. É o único país onde a grande maioria da população é constituída por trabalhadores assalariados. É o único país onde a luta de classe e a organização da classe operária através das *Trade Unions* adquiriu um certo grau de maturidade e universalidade. Em resultado de sua posição dominante no mercado mundial, é o único país onde qualquer revolução em suas condições econômicas deverá reagir diretamente sobre o mundo inteiro. Se este país é o lugar clássico do latifundismo e do capitalismo, em virtude desse mesmo fato é também aqui que as condições materiais para a sua destruição revelam-se as mais altamente desenvolvidas. Uma vez que o Conselho Geral está atualmente colocado na posição feliz de ter em suas mãos diretamente essa grande alavanca da revolução proletária, seria pura tolice, diríamos quase que seria um crime grosseiro, permitir que essa posição caísse em mãos puramente inglesas!

Os ingleses têm todos os requisitos materiais necessários para a revolução social. O que lhes falta é o espírito da generalização e o ardor revolucionário. Somente o Conselho Geral pode prover a essa deficiência, acelerando assim o movimento verdadeiramente revolucionário neste país e conseqüentemente em toda parte. As grandes conquistas que já realizamos nesse sentido são testemunhadas pelos mais importantes jornais e por aqueles que estão na melhor posição entre as classes dirigentes, como por exemplo, a *Pall Mall Gazette*, *Saturday Review*, *Spectator*, e *Fortnightly Review*, para não citar os chamados membros radicais da Câmara dos Comunas e da Câmara dos Lordes, que, pouco tempo atrás, ainda exercia grande influência sobre os líderes dos trabalhadores ingleses. Eles acusam-nos publicamente de ter envenenado e quase extinto o espírito inglês da classe operária e tê-la forçado a aderir ao socialismo revolucionário” (MARX, 1997, p. 286-287).

3 Feitas as considerações anteriores, passemos agora a pontuar outras formulações decorrentes de nosso trabalho, as quais servirão de apontamentos para as nossas reflexões futuras: algumas delas são (re)afirmações de convicções anteriores, outras são frutos de estudos recentes, do aprendizado proporcionado pela orientação do professor Idaleto Malvezzi Aued, das ricas discussões coletivas, das reuniões de estudos e de visitas realizadas aos campos de (re)produção da existência.

4 Indicada na Carta de Marx a Paul V. Annenkov, datada de 28 de dezembro de 1846.

5 Nas palavras de Aued, “O pensamento só pode apropriar-se integralmente do real quando ele constitui-se em sua plenitude, isto é, quando explicita todos os seus elementos constitutivos” (AUED, 2002a, p. 51).

6 Engels mostra a evolução da história da indústria, desde a Idade Média em três períodos: “1) indústria artesanal, pequenos mestres artesãos com alguns oficiais e aprendizes, em que cada operário elaborava o artigo completo, 2) manufatura, em que se emprega num completo estabelecimento um número considerável de operários, elaborando-se o artigo completo de acordo com o princípio da divisão do trabalho, onde cada operário só executa uma operação parcial, de tal forma que o produto só está completo e acabado quando tenha passado sucessivamente pelas mãos de todos, 3) indústria moderna, em que o produto é fabricado mediante a máquina movida pela força motriz e o trabalho do operário se limita a vigiar e retificar operações do mecanismo” (ENGELS, 1986, p. 7).

7 Para Marx: “Em primeiro lugar, que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, *trabalho obrigatório*. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (Fremdheit) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que tão logo inexista coerção física ou outra qualquer fogue-se do trabalho como de uma peste” (MARX, 2004, p. 82-83).

8 Na tradução de Jesus Ranieri (MARX, 2004, p. 103) assim consta: “A supra-sunção do estranhamento-de-si faz o mesmo caminho que o estranhamento-de-si”.

9 O intercâmbio ao qual nos referimos está para além das simples trocas de mercadorias. Embora a mercadoria seja um código, um símbolo, ao vender ou comprar uma mercadoria outras relações estão se configurando, sendo estabelecidas.

10 Tanto quebradeiras de coco babaçu quanto trabalhadores rurais sem terra, no Maranhão, se defrontam com essa dificuldade.

11 Lembro-me aqui, por exemplo, do filme “Quanto vale ou é por quilo?”, produzido e dirigido por Sérgio Bianchi, com roteiro de Sergio Bianchi e Eduardo Benaim.

João Claudino Tavares

Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutor em Geografia – área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano – pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Orientador do Grupo de Estudo sobre Processos de Produção e Relações de Trabalho nas

Economias Dependentes – Linha de pesquisa: Trabalho e transitoriedade.

E-mail: jclaudino@ufma.br, jclaudinot@yahoo.com.br

Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, s/n – Campus do Bacanga
São Luís – MA.
CEP: 65.085-580